



**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**



**POTIRA CARUANA ROCHA NERES**

**ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE ÉTNICO RACIAL A PARTIR DE IMAGENS  
DIDÁTICAS DE LIVROS DE BIOLOGIA**

**São Paulo  
2019**



**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**



**POTIRA CARUANA ROCHA NERES**

**ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE ÉTNICO RACIAL A PARTIR DE IMAGENS  
DIDÁTICAS DE LIVROS DE BIOLOGIA**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à Universidade  
Presbiteriana Mackenzie como  
requisito parcial à obtenção do grau  
licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientador Prof. Dr. Adriano Monteiro de Castro  
Co-orientadora Profa. Dra. Ana Paula F. Silva

**São Paulo  
2019**

## **DEDICATORIA**

Dedico este trabalho a minha mãe, que sempre foi a maior inspiração de mulher negra guerreira que eu poderia ter. Você me incentivou a fazer este curso, pois colocou na minha cabeça que eu deveria mudar o mundo e hoje eu acredito que a educação é a melhor forma para isto.

Te amo.

## **AGRADECIMENTOS**

A princípio, a minha mãe e toda minha família que me apoiou ao longo desses 5 anos de faculdade, este trabalho fala sobre representatividade e essas mulheres foram as melhores representações que poderiam existir para mim.

Ao Paulo Fernando, meu companheiro, que entre trancos e barrancos aguentou cada choro e desespero, me apoiou e me ajudou desde fazendo os desenhos de técnicas para mim, no primeiro semestre, até me ajudando com os gráficos deste trabalho. Eu te amo só um pouquinho.

Aos anjos que fizeram que essa jornada fosse mais leve, a Jennifer e Alaíde que sempre me entenderam e também ouviram minhas mazelas e comemorando minhas alegrias. As “bioridas + plus”, ao “sopa-in the end” e ao “roupa nessa p” que viveram essas mazelas e alegrias comigo, se as paredes do Mackenzie falasse diriam o quanto nós enrolamos, jogamos e fofocamos, mas também diria o quanto estudamos, trabalhamos e nos esforçamos para chegar até o final. Um agradecimento especial para Eduardo que me ajudou muito com esse trabalho em especial, se ele está com o carimbo de protocolado hoje é graças a você.

Minha Mayor gratidão a Bella por esse último ano, ele começou difícil vendo todos os nossos amigos formando e indo embora e a nós ficando para terminar essa loucura que começamos, a licenciatura, você foi fundamental para que hoje eu chegasse aqui. Quando eu pensei em desistir você estava lá para me acalmar dizer “calma pot, vai dar tudo certo”. Ao longo desse ano nos divertimos na Disney, dormimos com a Aurora, andamos de montanha russa em diversos altos e baixos, fizemos trabalhos na cozinha, na sala, no chão, na porta do seu banheiro e sempre sonhamos com esse momento, às vezes até nos distraímos demais sonhando com ele, afinal PASSEI FORMOU NÉ. Te amo muito amiga.

Ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde-CCBS-UPM, ao Prof. Dr. Adriano Monteiro, meu orientador, à Profa. Dra. Ana Paula minha orientadora, e a todos os professores, técnicos e colegas que fizeram parte deste processo da nossa formação.

Principalmente às professoras, Paola Lupianhes, Maria Lucila, Miriam Ribeiro, Rosana Jordão e à Magda Pechliye, por serem mulheres inspiradoras e entre trancos e barrancos abrirem as portas para a construção de tantos conhecimentos.

*“A educação é a arma mais poderosa que  
você pode usar para mudar o mundo.”*

Nelson Mandela

## RESUMO

**Introdução:** O racismo é um sistema de opressão que tem o desígnio de abdicar direitos de um grupo, alienando-o de diversos aspectos na sociedade. Neste contexto, o ambiente escolar pode sofrer com interferências desta opressão, promovendo um ensino que não abrange questões raciais ao excluir ou minimizar a representatividade de pessoas negras. Apesar de políticas públicas intervirem como uma ação inclusiva para pessoas negras, um longo caminho de lutas e conquistas ainda é preciso ser percorrido para que a representatividade entre negros e brancos alcance igualdade, principalmente quando se trata da representação em áreas científicas, geralmente protagonizadas por brancos. Desta maneira, o objetivo deste trabalho foi avaliar a representatividade da população negra em livros didáticos de biologia. Para tal, foram avaliadas duas coleções, com 3 livros didáticos cada, aprovadas pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). As imagens foram quantificadas conforme uma classificação pré elaborada. Foi constatado que a representatividade branca se sobressai sobre a negra em ambas as coleções, apesar da coleção 2 ter o dobro de figuras com pessoas negras. A única categoria que os negros estão representados em equidade foi na “esportistas”, porém não necessariamente significa algo positivo, já que os negros são exaltados para seguirem carreiras no esporte como uma das alternativas de se ter um crescimento social de forma lícita. **Conclusão:** A análise as coleções demonstram estar longe de uma educação inclusiva, alguns estereótipos são reforçados e a falta de imagens representativas positivas é um grande déficit.

**Palavras chave:** Livro-didático, representatividade-negra, racismo, imagens, biologia;

## ABSTRACT

**Introduction:** Racism is a system of oppression that abdicates the rights of a group, alienating it from various aspects in society. In this context, the school environment may be interfered by this oppression, promoting a way of teaching that does not reach racial issues, by excluding or minimizing the representation of black people. Although public policies serve as an social inclusive action for black people, a long road of struggles and achievements still needs to be covered in order to reach representativeness for black and white equally, especially when it comes to representation in scientific areas, usually led by whites. **Subject:** The aim of this work was to evaluate the representativeness of the black population in biology textbooks. **Materials and Methods:** two collections were evaluated, with 3 textbooks each, approved by the National Program of Book and Didactic Material (NPBDM). The images were quantified according to a pre-elaborated classification. **Results and Discussion:** It was found that white representativeness stands out over black in both collections, although collection number 2 has twice as many figures with black people. The only category that blacks are represented in equity was in “sportsmen”, but it does not necessarily mean something positive, as blacks are exalted in sport as one of the licit alternatives for social improvement. **Conclusion:** based on the analysis, the collections demonstrate to be far from an inclusive education, some stereotypes are reinforced, and there is a big deficit above all of the lack of positive representative images.

**Keywords:** textbooks; black people representativeness; racism; images; biology.

## **LISTA DE IMAGENS**

Imagem 1 - Diferença de representatividade racial.....	12
Imagem 2 - Exemplos das imagens coletadas na Coleção 1 .....	24
Imagem 3 – Exemplos de imagens coletadas na Coleção 2.....	25

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Porcentagem da população, por cor ou raça (Brasil – 2015) .....	16
Gráfico 2 - Distribuição das pessoas que frequentam o ensino superior (%) .....	16
Gráfico 3 – Resultados da primeira coleção (%).....	23
Gráfico 4 - Resultados da segunda coleção (%).....	24



## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

**FIES** – Fundo de Financiamento Estudantil

**IBGE**- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**ONU**- Organização das Nações Unidas

**PNLD**- Programa Nacional do Livro Didático e do Material Didático

**ProUni** - Programa Universidade para Todos

**REUNI** - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das  
Universidades Federais

**SISU** - Sistema de Seleção Unificada

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO .....	15
3. MATERIAIS E MÉTODOS .....	21
4. RESULTADOS .....	23
5. DISCUSSÃO .....	27
6. CONCLUSÃO.....	29
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	30

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surge a principio de um grande incomodo pessoal, como mulher negra, pois ao longo da minha vida acadêmica eu não me senti retratada nos meus livros distáticos de ciências e biologia de uma forma positiva, mas sim sempre vendo imagens de crianças negras doentes e em extrema pobreza. Também senti um grande incomodo quando ao longo da minha formação universitária eu e mais uma colega de classe eramos as únicas negras dentre 60 alunos. Por fim, um ultimo incomodo veio ao assistir uma aula de outro curso dentro da minha universidade e o professor ser pela primeira vez uma pessoa negra, e percebendo que ao longo de toda minha formação acadêmica todos os meus professores do curso de biologia eram pessoas brancas. Com isso me veio o questionamento do porque a população negra não está inserida nos cursos de exaras e biológicas.

Segundo Ribeiro (2018), a população acredita que ser racista é apenas matar ou tratar com agressividade uma pessoa negra, mas o fato é que o racismo é um sistema de opressão que tem o desígnio de abdicar direitos de um grupo e produzir uma ideologia opressiva para o mesmo.

Apesar da criação de diversas leis para combater o racismo, elas não são suficientes se não houver a transformação de práticas e de mentalidades, por isso é tão importante ações que promovam discussão desses temas, que permitam uma reflexão individual e coletiva e que colaborem para a superação e erradicação de qualquer tratamento preconceituoso (DIAS et al., 2011).

No Brasil, pesquisas do censo realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015) apontam que em torno de 54% da população brasileira se declara negra ou parda, entretanto, segundo Queiroz (2004), ainda existe uma distância notável entre brancos e negros na sociedade brasileira, seja no mercado de trabalho, no acesso à educação ou em qualquer outro espaço social. Nos dados do IBGE é visível a expressiva diferença de representatividade negra para a branca em diversos espaços sociais, como por exemplo na política, com aproximadamente 24% dos deputados (Imagem 1)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais (2015)

A representatividade é algo muito importante para a população negra, a frase da ativista americana, Marian Wright, demonstra isso quando ela diz "Você não pode ser o que você não vê" (GODOY, 2019). Representações têm efeitos importantes no combate ao racismo, seja colocando no poder pessoas que reivindicam o mesmo das minorias ou, como nesse caso, desconstrua as ideias racistas que sempre colocam minorias em lugares de subalternidade (ALMEIDA, 2018).

No ambiente escolar, o racismo é frequente em diversas esferas que vão além da relação entre alunos ou entre alunos e professores, pois está presente em livros didáticos e paradidáticos, que são grandes referências e podem auxiliar na construção de identidade negativa e racista dos alunos, principalmente naqueles não negros, a respeito da imagem sobre a população negra (HÉDIO-JR, 2002). Essa imagem negativa sobre a raça negra é um dos primeiros pontos em que o racismo irá atingir uma criança negra, já que a mesma tem um contato cotidiano com a rejeição de sua aparência e a desvalorização de suas heranças. Assim podendo se tornar uma barreira a aprendizagem por conta do desequilíbrio emocional gerado (HÉDIO-JR; BENTO; CARVALHO, 2012).

Diante dessas considerações, a presente pesquisa teve por base a Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) e o Parecer de 2004, incluído na Lei 9.131/95 (BRASIL, 1995), que tratam sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas públicas e particulares. Porém, mesmo com o aparato da lei, os educadores se sentem despreparados e com dificuldade de trabalhar a proposta, exclamando que muitas vezes não têm qualquer orientação pedagógica sobre o assunto em sua formação profissional, e com isso, ainda tratam o assunto de forma efêmera, sem assegurar um enfoque contínuo e transversal (HÉDIO-JR, 2002).

Uma vez que os livros são os principais recursos didáticos utilizados pelos docentes (HÉDIO-JR, 2002), é muito importante que se atente ao quanto e a como a representatividade da população negra nestes materiais é feita e para quais áreas de formação esta representatividade é de alguma forma direcionada.

Nos últimos anos, o uso de políticas públicas vem auxiliando no combate a desigualdade racial, por exemplo, pelo intermédio de programas de inclusão a universidades (IBGE, 2019). Entretanto, mesmo que negros estejam presentes em universidades, os cursos de exatas e de biológicas não possuem essa

representatividade, já que os negros são maioria nos cursos de humanas (PASSARINHO, 2019). Somado a isto, evidencia-se o fato de que apesar da população negra ocupar a maior parte dos inscritos em cursos de humanas, livros didáticos de português possuem representações preconceituosas de pessoas negras, retratando-as na maioria das vezes em trabalhos que indicam baixa escolaridade, enquanto brancos, por sua vez, são retratados em cargos que exigiriam nível superior (WATTHIER, 2008). Desta maneira, se um adolescente negro nunca se vê representado em figuras de cientistas ou médicos, como ele poderá almejar ser um?

Portanto, com base no pressuposto apresentado, o objetivo deste trabalho foi avaliar a representatividade da população negra em livros didáticos de biologia, buscando analisar a maneira pela qual esta representatividade é concebida.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

"O Brasil nos deve milhões", assim começa o livro de Alves (2008) em que é relatado como os negros africanos foram sequestrados de seus países e atravessado o atlântico para auxiliar os colonizadores europeus na extração de riquezas. Suas justificativas para tais atrocidades vinham de argumentos que falavam que o povo africano era primitivo e bárbaro, sendo assim, a escravidão era uma maneira de levar esse povo a salvação cristã.

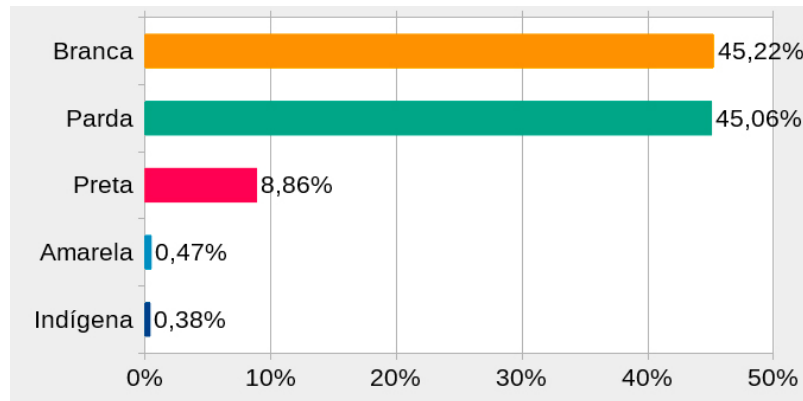
O processo para abolição da escravidão foi lento e árduo que se arrastou desde 1831 (Lei do Feijó), que proibia a importação de escravos para o Brasil, até 1888 (Lei Áurea) que proibia a escravidão propriamente dita no Brasil. A abolição manteve não apenas a desigualdade econômica e social, mas a ideologia que tratava de diferenciar negros, como uma raça submissa, de brancos. Com isso, após libertos, os ex-escravizados viviam em meios de subsistência, sem trabalho e abrigo, sem alguma perspectiva já que a Lei não lhes garantia nenhum direito básico (ALVES, 2008)

E desde então a trajetória do negro no Brasil se transforma em uma grande luta por sobrevivência com a resistência contra o racismo. Assim, se inicia o processo de favelamento, pelo qual a população negra fica à margem do Mercado ou é contratada para trabalhos pesados ou insalubres, provocando uma marginalização social (ALVES, 2008).

A realidade excludente dos negros da política, vida socioeconômica e cultural gerou uma urgência da população em pressionar o poder público em propor alternativas que levem em consideração a dignidade, direitos e anseios dessa população (SANTOS; ROCHA, 2007). Segundo os autores Santos e Rocha (2007), a conferência mundial na Organização das Nações Unidas (ONU) em 2001, após longos debates declarou racismo, discriminação e o tráfico transatlântico como crimes contra a humanidade e responsabilizou países a diminuir essa dívida com afrodescendentes.

Há uma luta constante pela igualdade étnico-racial e o respeito às diversidades, porém, ainda há uma realidade de atitudes e convenções sociais discriminatórias (DIAS et al., 2011). Segundo o IBGE, em pesquisas domiciliares, para autodeclaração dos cidadãos, demonstrou que a população negra é maioria no Brasil (Gráfico 1).

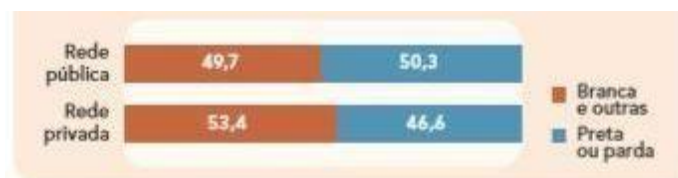
Gráfico 1 – Porcentagem da população, por cor ou raça (Brasil – 2015)



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2015)

O Brasil tem ampliado o acesso e exercício dos direitos, como é possível observar nas leis criadas de resultado das lutas por parte de seus cidadãos, entretanto ainda há muitos desafios a serem vencidos, de âmbitos objetivos como acesso à educação básica e de nível médio, até de âmbitos subjetivos como respeito e valorização da diversidade. Dados do IBGE (2019) mostraram que pela primeira vez os negros são maioria em universidades públicas (Gráfico 2), avanços que foram resultados de medidas iniciadas nos anos 2000, como o uso de cotas que reserva vagas a candidatos negros, de baixa renda e provenientes de escolas públicas, e programas como o REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), o SISU (sistema de Seleção Unificada), o Prouni (Programa Universidade para Todos) e o FIES (Fundo de Financiamento Estudantil).

Gráfico 2 - Distribuição das pessoas que frequentam o ensino superior (%)



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (2018)

Segundo Passarinho (2019), a proporção de negros em cursos de humanas é quatro vezes maior do que nos cursos de exatas e biológicas, nos cursos de sociologia e filosofia a proporção é de 1 aluno negro para 3 brancos, nos de letras e história, 1



aluno negro para cada 4, enquanto em cursos como engenharia apresenta 1 aluno negro para cada 9 brancos, em medicina foi contabilizado 1 aluno negro para cada 16 brancos. Uma das possíveis justificativas para essa desigualdade racial é o fato da maioria da população negra ser de baixa renda e estudarem em escolas públicas, que possuem diversos problemas, entre eles a falta de professores especializados em exatas e biológicas. Outros fatores, que a autora traz, são as notas de corte para os cursos de humanas serem mais baixos e o fato de que as faculdades de exatas e biológicas serem mais caras para os alunos por conta dos custos envolvidos ao longo curso.

Em 1990, a Conferência Mundial sobre Educação para Todos, em Jomtien, Tailândia, resultou em 1998 em um documento internacional chamado de “Declaração de Educação para Todos” que possui o objetivo de universalizar a educação. O documento traz pontos importantes, como o de que mais de 60 milhões de meninas não tem acesso ao ensino primário, ou como um terço dos adultos do mundo não tem acesso a conhecimentos impressos, novas habilidades e tecnologias que poderiam mudar sua qualidade de vida, e, por fim como milhões de crianças e adultos no mundo não conseguem terminar o ciclo básico. Com isso são listados artigos que trazem novas abordagens sobre as necessidades básicas de aprendizagem, estabelecem compromissos mundiais para garantir a todas as pessoas os conhecimentos básicos necessários a uma vida digna, visando uma sociedade mais humana e mais justa (HADDAD, 1990)

A educação inclusiva trabalha em defesa do direito dos alunos de aprenderem e participarem juntos sem nenhum tipo de discriminação e já se tornou um movimento mundial. Porém ela reconhece a dificuldade no sistema de ensino e evidencia a importância de enfrentar as práticas discriminatórias e usar de alternativas para superá-las. (BRASIL, 2007).

Em 2003 foi homologada a lei 10.639, que adicionava à lei de diretrizes e bases da educação nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) o artigo 26-A que torna obrigatório em escolas públicas e particulares o ensino de história e cultura afro-

brasileira no ensino fundamental e médio. O conteúdo seria ministrado durante todo o ano letivo nas disciplinas de educação artística, literatura e história brasileira e deveria ser um estudo da História da África e dos Africanos, trazendo a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. Além disso adicionava no calendário escolar o dia 20 de novembro como “Dia da consciência negra” (BRASIL, 2003)

O Parecer de 2004, sobre Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, foi baseada na Lei 10639/2003. Ele traz a importância das políticas públicas para uma reparação, reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade negra, usando do conhecimento para combater o racismo e as discriminações. Também é salientado que essas políticas têm como metas que os negros se reconheçam na cultura nacional e tenham direito de estudar, como qualquer outro cidadão brasileiro, com qualidade e que para isso é indispensável material nas escolas e formação de professores.

A Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004 institui diretrizes curriculares nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. No primeiro artigo é ressaltada a importância das instituições de ensino, que atuam nos níveis e modalidades da educação assim como as que realizam formação de professores, estarem sempre atentas as diretrizes curriculares. Que também tenham inclusos no conteúdo das disciplinas e nas atividades curriculares e educação étnico racial, como discussões de temáticas e questões que dizem respeito a afrodescendentes. Nos outros parágrafos é frisado a importância da história e cultura Afro-brasileira e Africana como garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas do povo brasileiro, junto das indígenas, européias, asiáticas. Dentre outras coisas também é realçado a importância das coordenações pedagógicas, que promovam um aprofundamento do estudo para que os professores criem projetos, unidades de ensino, programas abrangendo os diversos componentes curriculares. Também que as instituições de ensino estabeleçam canais de comunicação com grupos do Movimento Negro, grupos culturais negros, instituições formadoras de professores, núcleos de estudos e pesquisas, como os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros, com a finalidade de buscar

auxílio e trocas de experiências para a composição de projetos de ensino, planos pedagógicos e institucionais.

Para contemplar a população indígena, foi criada a lei 11.645 em 2008, onde além do ensino de história e cultura afro-brasileira, também é obrigatório no ensino público e privado do ensino fundamental e médio a inclusão do ensino de história e cultura indígena (BRASIL, 2008).

O PNLD visa análise de materiais de apoio para práticas educativas, destinados a escolas públicas de educação básica federais, estaduais e municipais e distritais. Ele é executado de forma alternada, atendendo em ciclos diferentes os segmentos de educação infantil, ensino fundamental um e dois e ensino médio (Brasil, 2019). O PNLD trabalha desde 1995 para excluir do catálogo do Ministério da Educação (MEC), as obras que tenham preconceitos ou erros conceituais, porém ainda há uma resistência de trabalhar nas escolas a diversidade e à pluralidade cultural (MÁSCULO, 2015). Ainda segundo o autor, antes do PNLD era regular imagens e textos que reproduziam estereótipos e preconceitos.

Em meio ao cotidiano escolar as crianças negras já começam a criar uma recusa sobre a sua raça, já que as imagens que os cercam são de pessoas brancas, assim como os livros das rodas de leitura, os personagens em sua maioria são brancas, loiras de cabelo liso (LISBOA; VERISSIMO, 2018). Segundo a mesma autora a falta de representatividade vira uma problemática na questão do empoderamento das crianças negras, que são cercadas pelo eurocentrismo e acabam sendo estimuladas a um desejo de mudar sua aparência para serem aceitas pelos colegas.

As mulheres negras são frequentemente retratadas em papéis estereotipados na mídia e na cultura em geral, em que sua maioria de personagens e/ou outras representações possuem cunhos extremamente sexualizados ou de empregadas domésticas, enquanto que os homens, igualmente retratados de forma preconceituosa, surgem com símbolos que remetem a ideias de malandragem e criminalidade (RIBEIRO, 2018; RUBENS; NUNES, 2008)

Para Adichie (2017), o processo de poder do mundo faz com que crianças cresçam vendo imagens de beleza branca, exemplos de realizações de pessoas brancas, exaltando as capacidades de pessoas brancas em todos os lugares. Nos programas de televisão, nos personagens de livros, enquanto isso a essas mesmas crianças verão imagens negativas sobre a negritude e dos africanos.

Já no esporte os negros aparecem sempre gloriosos, e para Nunes (2006) ainda existe uma grande exaltação do negro para que siga carreira no esporte como uma das alternativas de ter um crescimento social de forma, já que os corpos negros, dentro da ideologia racista, são caracterizados pela eficácia e aprendizagem.

Segundo os resultados da pesquisa de Watthier (2008), em livros didáticos de português, as figuras de pessoas negras, em sua maioria, são retratadas em trabalhos que indicam baixa escolaridade e brancos em cargos que exigem nível ensino superior.

Em suma, nos livros didáticos a população negra aparece em representações estereotipadas e grotescas em relação às pessoas brancas. Ou simplesmente não são representadas, e a falta destes modelos contribui para a formação negativa sobre a imagens de afrodescendentes. Diante deste estudo, a escolha para análise das imagens está voltada a verificar a representatividade nos livros de biologia, já que a maior parte dos trabalhos com essa temática estão voltadas para as obras de história e português.

### 3. MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo analisou duas coleções, cada uma com 3 de livros didáticos de biologia dos três anos do ensino médio, aprovados no PNLD (2018-2019-2020) e possuem o mesmo ano de edição. As coleções foram adotadas em escolas públicas, uma estadual (Biologia Moderna : Amabis & Martho, - 1. ed. - São Paulo : Moderna, 2016.) e a outra municipal ( Biologia : novas bases / Nelio Bizzo. - 1. ed. - São Paulo : IBEP, 2016.). Foram observadas, contabilizadas e identificadas imagens para analisar em que medidas contemplam a perspectiva étnico racial.

As imagens foram quantificadas e contabilizadas em relação a raça das pessoas e dos desenhos que apareciam, além do contexto no qual estavam inseridas, levando em consideração as legendas delas.

As imagens foram divididas em oito categorias (Quadro 1):

Quadro 1 – Categorias consideradas para classificação das imagens

<b>Desenhos</b>	Qualquer ilustração que apresentasse partes do corpo humano ou representações de humanos.
<b>Estudantes</b>	Pessoas em ato de leitura ou estudo
<b>Profissionais</b>	Profissionais da ciência, médicos ou professores, seguindo também a descrição da imagem. Em casos em que não existiam legendas foram analisados instrumentos que indicassem que a pessoa na imagem era um profissional (como: microscópio, jaleco, estetoscópio, seringas e etc.)
<b>Esportistas</b>	Pessoas praticando algum tipo de esporte profissionalmente.

<b>Pacientes</b>	Pessoas sendo atendidas por profissionais ou pessoas com enfermidades.
<b>População</b>	Imagens que apresentassem mais de vinte pessoas, nesses casos foi anotado qual cidade ou país era a imagem.
<b>Obras de Arte</b>	Imagens de quadros, que não houvesse a representação de um cientista.
<b>Comum</b>	Pessoas que não se encaixaram em nenhuma das categorias acima
<b>Não identificados</b>	Imagens no qual não são possíveis identificar qual a raça das pessoas.

Foram criadas duas planilhas para registrar os resultados das duas coleções com base nas categorias criadas, foram realizadas as contagens manualmente de cada livro. Como os resultados brutos de cada um dos 3 exemplares das coleções não eram expressivos eles foram somados e assim separados em coleção 1 e 2. Por fim eles foram passados para porcentagem para melhor visualização, os quais serão discutidos adiante.

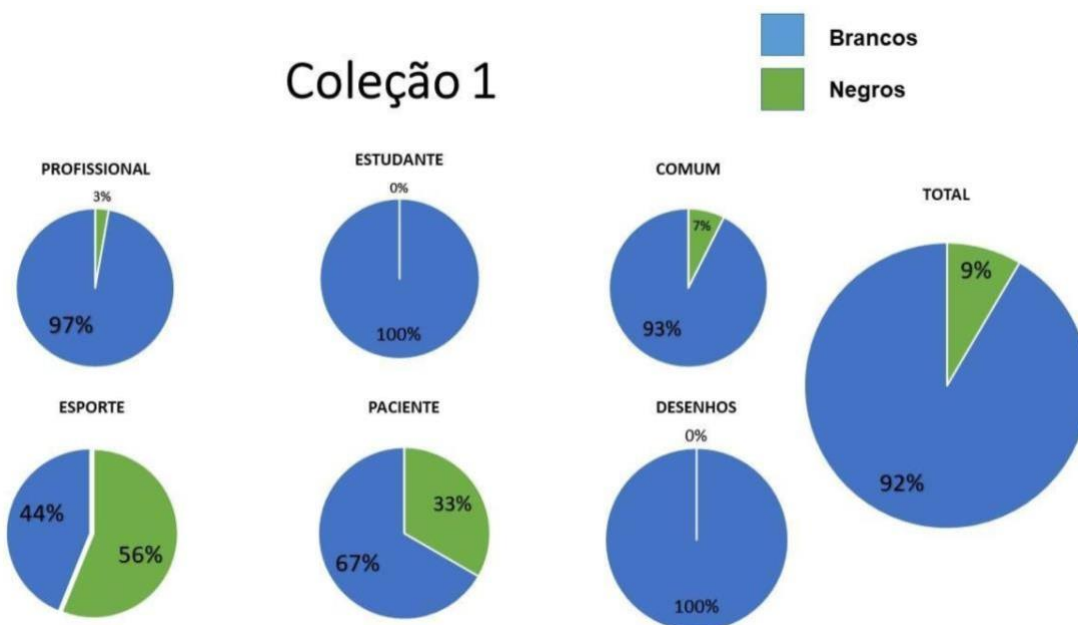
#### 4. RESULTADOS

Começando pela coleção 1 (rede estadual), os resultados mostram como a população negra não está igualmente representada como a população branca (Quadro 2), pois foi observado que os negros representam apenas 9%, em comparação com os brancos, representando 92% (Gráfico 3)

Quadro 2 - Resultados da Coleção 1 (dados brutos)

Col. 1	Profissional	Estudante	Comum	Desenho	Esportista	Paciente	Total
Negro	1	0	5	0	9	3	18
Branco	35	1	62	83	7	6	194

Gráfico 3 – Resultados da primeira coleção (%)



Sendo nesse caso apenas 1 imagem (3%) na categoria profissional (Imagem 2-A), enquanto os brancos 97% (Imagem 2-B). No caso da categoria desenho os negros não aparecem em nenhuma ilustração, sendo as 100% imagens que representavam pessoas categorizados como brancos (Imagem 2-E). Essa situação só fica mais igualitária na categoria esportes, em que negros aparecem representados em 56 % das figuras e brancos em 44% (Imagem 2 – C e D). Na categoria pessoas comuns, pessoas brancas aparecem 93% em comparação com pessoas negras que aparecem 7% (Imagem 2- F). Por fim na categoria pacientes as pessoas brancas aparecem mais que o dobro (67%) das pessoas negras (33%) (Imagem 2 - G e H).

Imagem 2 - Exemplos das imagens coletadas na Coleção 1. (A) Cientista; (B) Arqueóloga; (C) Corredores em competição; (D) Corredoras em competição; (E) Representação de corpo humano; (F) Grupo de pessoas; (G) Crianças africanas com verminoses e raquitícias; (H) Paciente com trombose.

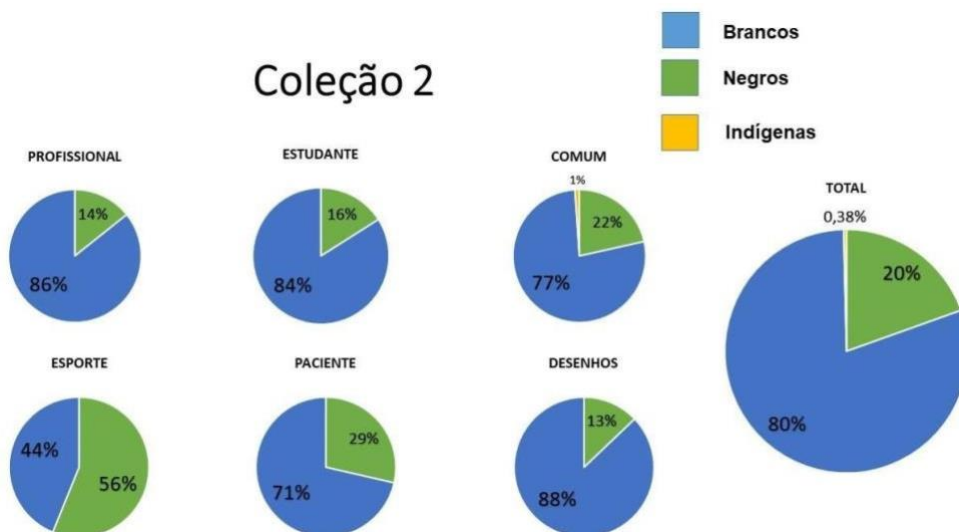


Na coleção da prefeitura (Coleção 2) já podemos notar uma diferença das representações (Quadro 3 e Gráfico 4).

Quadro 3 - Resultados da Coleção 2 (dados brutos)

Col. 2	Profissional	Estudante	Comum	Desenho	Esportista	Paciente	Total
Negro	7	5	20	8	9	2	51
Branco	42	27	72	56	7	5	209
Indígena	0	0	1	0	0	0	1

Gráfico 4 - Resultados da segunda coleção (%)





Nesses exemplares os negros aparecem em 51 imagens, o que representa 20%, porém a representação de pessoas brancas é um total de 209, o que representa 80% e nessa coleção aparece 1 imagem de indígena, representando 0,38% (Imagem 3 - N). Sendo nesse caso 14% das pessoas negras categorizadas como profissionais (Imagem 3 - I) a 86% das pessoas brancas (Imagem 3 - J). Diferente da coleção 1 os negros aparecem em 13% das ilustrações em comparação as 88% das ilustrações de pessoas brancas (Imagem 3 - M). Na categoria esportistas os resultados são exatamente os mesmos com 56% dos esportistas negros e 44% dos esportistas brancos (Imagem 3 - K e L). No caso da categoria estudantes os negros aparecem em 16% das imagens comparada as 84% das imagens de pessoas brancas (Imagem 3 - P). Quando se trata da categoria comum as pessoas brancas aparecem 76% vezes, negros 22 % vezes (Imagem 3 - O) e nessa categoria aparece 1% indígena (Imagem 3 - N). Por fim nos pacientes existem um total de 29% das pessoas negras para 71% das pessoas brancas, resultado bem próximo ao da coleção 1.

Imagem 3 – Exemplos de imagens coletadas na Coleção 2. (I). Pesquisadores quenianos do Museu Nacional; (J) Cientista manuseando microscopia; (K) Nadador em competição; (L) Corredor em competição; (M) Representação de corpo humano feminino e masculino; (N) Indígena carregando cesta com frutos; (O) Crianças gêmeas; (P) Estudantes; (Q) Capoeiristas.



Na categoria não identificadas foram contabilizadas 11 imagens, foram identificadas 3 obras de artes nas quais as pessoas retratadas eram brancas e nas

categorias populações aparecem na coleção imagens de pessoas da República Dominicana, China e Brasil. No caso da coleção 2 foi registrado 39 casos de imagens classificadas como não identificados (figura Q), 2 obras de arte que também retratavam pessoas brancas e por fim na categoria populações apareceram brasileiros e canadenses.

## 5. DISCUSSÃO

Comparando os resultados de ambas coleções é possível notar como os livros possuem uma baixa representação de imagens de pessoas negras, mesmo segundo as pesquisas do IBGE (2015) apresentando que os negros são a maioria da população brasileira. Com essa falta de representatividade negra nos livros as crianças ficam cercadas por representações brancas, o que traz uma baixa autoestima para as negras (LISBOA; VERISSIMO, 2018).

Nas categorias [estudante], [comum] e [desenhos] é possível observar como são poucas as imagens que os negros aparecem, o PNLD há 24 anos exclui do catálogo do MEC as obras que contenham preconceito, erros conceituais ou estereótipos (MÁSCULO, 2015). A formação negativa sobre a imagem da população negra pode ser caracterizada pela presença de imagens com estereótipos ou simplesmente pela não presença de delas (WATTHIER, 2008).

Na coleção 1 as imagens de pessoas negras aparecem 9%, já na coleção 2 elas são representadas mais que o dobro (20%). Queiroz (2004), relatou que ainda é muito notável a distância de brancos e negros na sociedade e isso se reflete nos resultados dessa pesquisa. É importante destacar como existe uma evolução da coleção 2 para a coleção 1, mas ainda está muito distante da igualdade de representações, mesmo após 21 anos do da “Declaração de Educação para Todos” e 16 anos da implementação da Lei 10.639/03.

Quando observamos a representatividade indígena é ainda mais preocupante, ainda após 11 anos da Lei 11.645/08 para contemplar a população indígena no ensino os resultados mostram apenas uma imagem presente das duas coleções analisadas com a representação de um indígena.

Além de ter ou não representatividade em imagens nos livros é importante discutir em quais situações em que os negros estão inseridos nessas figuras, pois segundo Ribeiro (2018), as mulheres negras são retratadas com muita frequência em papéis estereotipados na mídia, assim como os homens que aparecem como bandidos ou malandros. Dentro da categoria comuns, os negros não aparecem especificamente nesses papéis, porém quando aparecem na categoria pacientes, que

pode ser considerada uma imagem negativa, os negros têm sua segunda maior representatividade, sendo 33% na coleção 1 e 29% na coleção 2.

Na figura 11, da coleção 1, duas crianças africanas aparecem com enfermidades como verminoses e a outra com desnutrição segundo a autora Adichie (2017), é comum que nos livros apareçam imagens negativas e estereotipadas sobre os africanos. Em contraponto, a coleção 2 apresenta 3 pesquisadores quenianos trabalhando com um fóssil do Museu Nacional o que seria considerado uma representação positiva, já que se trata de três profissionais.

Enquanto isso na categoria profissionais, que podem ser consideradas imagens de representatividade positiva, os negros apareceram 3% da coleção 1 e 14% da coleção 2 (quadro x), o que se aparece diferente da pesquisa de Watthier (2008), já que nos livros de português as figuras de pessoas negras eram em sua maioria representadas em trabalhos que indicam baixa escolaridade, porém os brancos ainda são muito representados nessa categoria profissionais como aparece na pesquisa dele também. Mas essa baixa representatividade não condiz com a realidade já que dados do IBGE (2019) mostram que vem aumentando a presença da população negra nas universidades com o auxílio das políticas públicas e as ações afirmativas. Porém ainda é baixa a presença dos negros em curso de exatas e biológicas, alguns fatores como custo dos cursos, notas de cortes muito altas e a falta de profissionais qualificados na educação básica, mostrando como é importante a representação para atrair as crianças para essas áreas (PASSARINHO, 2019).

A categoria a ser destacada nessa discussão é a esportes, em que os negros em ambas as coleções, estão representados com 56% de imagens. Porém não necessariamente este dado indica uma boa representatividade, a autora Ribeiro (2018) relata que os estereótipos são impostamente generalizados a grupos, geralmente oprimidos, no caso de pessoas negras a idealização de que todos sabem jogar futebol ou são bons no esporte tem a pretensão de manter os negros no lugar que a sociedade racista determina. Os corpos negros são por diversas vezes caracterizados pela eficácia e capacidade física, com isso ocorre uma exaltação do negro no esporte como uma oportunidade de uma mudança de vida (NUNES, 2006). Fica visível com os resultados como está distante a representatividade branca e negra nas imagens de ambas as coleções dos livros didáticos de biologia, apesar da coleção 2 apresentar quase o dobro de imagens do que a coleção 1.

## 6. CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos observados, as coleções analisadas demonstram ainda estarem muito distante de trazer uma educação inclusiva como é previsto por Lei. Os estereótipos de negros atletas como vistos no referencial são reforçados nos livros didáticos, o que não seria um problema se os negros também fossem igualmente representados como profissionais de exatas e biológicas.

Não basta tirar dos livros didáticos imagens racistas, mas sim inserir figuras positivas que desconfigurem a representação negativa construída com base no racismo para oprimir a população negra.

Se destaca a diferença de representações das coleções, embora ambas tendo o mesmo ano de edição, as figuras negras dobram em comparação entre a coleção da rede Municipal (20% do total) com a Estadual (9% do total), com ilustrações de profissionais negros e africanos, pessoas comuns, estudantes e representação indígena.

A ativista americana Ângela Davis já dizia que "Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É preciso ser antirracista" (CARBONARI, 2019) e é com o auxílio de imagens de representatividade positivas em livros didáticos que será possível dar mais esse passo na luta contra o racismo que acontece em todas as esferas.

Vivemos em uma sociedade que preza muito a imagem, e existem representações negras de destaque, que facilmente circulam em diversos meios, como Neil D. Tyson (astrofísico norte-americano), Barack Obama (político norte-americano), Marielle Franco (sociologia e política brasileira), Nelson Mandela (advogado africano), Mae Carol Jemison (Astronauta) e Teodoro Sampaio (Matemático). Mundialmente diversas pessoas negras têm, ao longo do tempo, contribuído para a sociedade, e eles poderiam estar em todo e qualquer livro didático para levar uma representatividade positiva para os estudantes, mesmo pessoas não famosas ou conhecidas podem e devem aparecer nos livros para que os discentes criem identificação e possam projetar carreiras futuras em qualquer área de formação.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, C. N.. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Editora Companhia das Letras, 2017.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALVES, C. **Negros: o Brasil nos deve milhões!: 120 anos de uma abolição inacabada**. Scortecci Editora, 2008.

BRASIL. Lei nº 9.131, de 24 de novembro 1995. Altera dispositivos da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, DF, 10 jan. 2003. Seção 1, p. 4721.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, DF, 25 nov. 1995. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Federação Nacional das APAEs. MEC; SEESP, 2007. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/ed\\_especial/politica\\_nacional\\_educacao\\_especial\\_perspectiva\\_educacao\\_inclusiva.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/ed_especial/politica_nacional_educacao_especial_perspectiva_educacao_inclusiva.pdf). Acesso em: 03 maio de 2019

BRASIL. IBGE. **Cor ou raça | Educa | Jovens - IBGE**. 2015. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>>. Acesso em: setembro 2019.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. *Diário Oficial da União*, DF, 19 julho. 2017. Seção 1, p. 7.

BRASIL. Decreto nº 9.009, de 18 de julho de 2017. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". *Diário Oficial da União*, DF, 12 mar. 2008. Seção 1, p. 1.

BRASIL. IBGE. **Cor ou raça | Educa | Jovens - IBGE**. 2015. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>>. Acesso em: setembro 2019.

CARBONARI, P.C. Os sentidos dos direitos humanos: reflexões nos 70 anos da DUDH. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, v. 7, n. 1, p. 19-32, 2019.

DIAS, A.N.R., et al. A LEI 10.639/2003 E OS DIREITOS HUMANOS: EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE. Goiás: ANPAE, 2011. Disponível em: [www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompletos/posters/0001.pdf](http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompletos/posters/0001.pdf) Acesso em: 03 maio de 2019

GODOY, C. S. O.. **Mulher em cena: o seriado Malu Mulher e as possibilidades de feminismos na ditadura civil militar brasileira (1979/1980)**. 2019. Dissertação de Mestrado.

IBGE. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. **Estudos e Pesquisa: Informação Demográfica e Socioeconômica**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 3231281, p.1- 12, 2019. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf). Acesso em: 16 setembro 2019.

HÉDIO -JR, S. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais**. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000129721>. Acesso em: 20 outubro 2019.

MÁSCULO, J.C. Módulo 6-Direitos Humanos e materiais didáticos. São Paulo, UNIFESP, 2015. <http://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/41163/COMFOR-EDH-Mod6.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

NUNES, M. L. F.; RÚBIO, K. Currículo (s) da educação física e a constituição da identidade de seus sujeitos. **Currículo sem fronteiras**, v. 8, n. 2, p. 55-77, 2008.

NUNES, Mario Luiz Ferrari. **Educação Física e esporte escolar: poder, identidade e diferença**. 2006. 206 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

PASSARINHO, N. **Sob ameaça de cortes no governo Bolsonaro, cursos de ciências sociais e humanas concentram diversidade racial**. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48201426>. Acesso em: 9 setembro 2019.

QUEIROZ, D. M.. O negro e a Universidade brasileira. **Historia Actual Online**, n. 3, p. 7, 2004.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** Editora Companhia das Letras, 2018.  
ROCHA, J. G.; SANTOS, I. Diversidade e ações afirmativas. **Rio de Janeiro: CEAP**, p. 79, 2007.

JÚNIOR, H.S., BENTO, M. A. S., CARVALHO, S.P. Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial. São Paulo: Instituto Avisa Lá – Formação continuada de professores, 2012.

HADDAD, W. et al., Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem Jomtien, 1990. Jomtien. p. 9, 1990.

LISBOA, A. S., VERISSIMO, J.C. A importância da representatividade negra na educação infantil: questões iniciais. *In: Anais do Colóquio Internacional Crianças e Territórios de Infância*. Brasília: UnB, 2018. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/territoriosdeinfancia/89561-A-IMPORTANCIA-DA-REPRESENTATIVIDADE-NEGRA-NA-EDUCACAO-INFANTIL--QUESTOES-INICIAIS>.

WATTHIER, L. A discriminação racial presente em livros didáticos e sua influência na formação da identidade dos alunos. **Revista Urutágua**, v. 16, n. 16, p. 47-54, 2008.